

ENTRE A LITERATURA E A POLÍTICA: diálogo de mestres nas cartas de Monteiro Lobato a Cesídio Ambrogi

Pedro Henrique Rubim Alves¹ , Rachel Duarte Abdala² 

RESUMO

Neste artigo, objetivou-se analisar as ideias e os posicionamentos de Monteiro Lobato a partir das reflexões que compartilhou com o amigo Cesídio Ambrogi em cartas que endereçou a ele. Tematicamente, as cartas abrangem uma gama variada de assuntos, no entanto o foco centra-se nas discussões e posicionamentos políticos e nas impressões contextuais expressas na literatura produzida por ambos, que constituiu o início da amizade e que se consolidou com um dos pontos de confluência de interesses. Para tanto, considera-se que as cartas, reconhecidas como testemunhos involuntários, possibilitam perceber de modo mais claro os posicionamentos e os pensamentos dos interlocutores. Isso porque são documentos privados que, originalmente, não foram produzidos com a intencionalidade de que se tornassem públicos; portanto, há neles maior liberdade de expressão. O *corpus* documental deste estudo abrange as cartas enviadas por Monteiro Lobato ao amigo Cesídio Ambrogi, que fazem parte de um acervo particular, e artigos de jornal da Hemeroteca Antonio Mello Júnior, de Taubaté, e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. O contexto político brasileiro da década de 1940 é tratado nas cartas e mobiliza as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais. Além disso, naquela década Lobato volta para a cidade de Taubaté devido a questões pessoais e, como a análise permitiu constatar, reflete sobre questões latentes da sua relação com a cidade.

Palavras-chave: Literatura, Política, autobiografia, Taubaté-SP, sociedade local.

BETWEEN LITERATURE AND POLITICS: dialogue of masters in letters from Monteiro Lobato to Cesídio Ambrogi

ABSTRACT

In this article, the objective was to analyze Monteiro Lobato's ideas and positions based on the reflections he shared with his friend Cesídio Ambrogi in letters he addressed to him. Thematically, the letters cover a wide range of subjects, however, the focus is centered on the discussions and political positions and the relations of the contextual impressions expressed in the literature produced by both, which constituted the beginning of the friendship and was consolidated as one of the points of confluence of interests. Therefore, it is considered that the letters, recognized as involuntary testimonies, make it possible to perceive more clearly the positions and thoughts of the interlocutors. This is because they are private documents that were not originally produced with the intention of being publicized; therefore, allow greater freedom of expression. The documentary corpus of this study covers the letters sent by Monteiro Lobato to his friend Cesídio Ambrogi,

¹ Pesquisador Independente

² Universidade de Taubaté (UNITAU) / Docente do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano

Autor Correspondente: Rachel Duarte Abdala
E-mail: rachel.abdala@gmail.com

Recebido em 05 de Junho de 2022 | Aceito em 02 de Julho de 2022.

which are part of a private collection; and newspaper articles from the Hemeroteca Antonio Mello Júnior de Taubaté and the Hemeroteca Digital of the National Library. The Brazilian political context of the 1940s is dealt with in the letters and mobilizes the attention of the interlocutors who are, in this period, involved with national and local political issues, because at this moment Lobato turns to the city of Taubaté due to personal issues and, as the analysis showed, it reflects on latent issues of its relationship with the city.

Keywords: Literature, Politics, autobiography, Taubaté-SP, local society.

INTRODUÇÃO

Monteiro Lobato e Cesídio Ambrogi foram correspondentes por muitos anos. A prática da escrita epistolar e a troca de correspondência foi presente ao longo da vida do escritor Monteiro Lobato. Trocou correspondências com familiares, amigos, colegas e interessados em sua obra. Em 1944, foi publicada pela Companhia Editora Nacional a obra intitulada *A Barca de Gleyre*, que reúne as cartas que Monteiro Lobato enviou durante quarenta anos (de 1903 a 1943) ao amigo e também escritor Godofredo Rangel. A coletânea foi publicada em 1944, após muita resistência de Lobato à insistência de Rangel em publicar a correspondência trocada por ambos, como explica Emerson Tin (2014). Apesar de esse ser o conjunto de missivas mais conhecido de Lobato, há outras publicações de cartas escritas por ele. Além das cartas enviadas a Godofredo Rangel outras cartas escritas por ele foram publicadas e estudadas, inclusive cartas trocadas com crianças, leitoras de sua obra infantil. A publicação “Cartas escolhidas”, de 1959, foi organizada por Edgard Cavalheiro, amigo de Lobato. No prefácio, como organizador da publicação, Cavalheiro caracteriza a correspondência de Lobato como “imensa”, e afirma que, a seleção para “Cartas escolhidas” ficou “[...] muito longe de representar um décimo da sua produção no gênero” (CAVAHEIRO, 1959, p. 7)

Assim, analisaram-se as cartas escritas por Monteiro Lobato para o amigo e também escritor Cesídio Ambrogi, buscando perceber as especificidades dessa troca de ideias a partir de suas trajetórias. Para além da cumplicidade entre amigos e da liberdade que a escrita privada permite, buscou-se perceber o compartilhamento de ideias entre os dois missivistas. Metodologicamente, o conjunto, de acervo particular, é composto por cerca de 40 cartas inteiras e por alguns fragmentos que compõem essa série documental que compreende o período de 1918, quando foi a escrita a primeira carta, a 1948, quando foi escrita a última. Trata-se, portanto de correspondência passiva, ou seja, recebida. Esse acervo foi mantido e preservado pela esposa de Cesídio Ambrogi, Lygia Fumagalli Ambrogi, e depois, por seus herdeiros. Constitui documentação inédita, ainda pouco estudada, sobre diversas facetas dos dois escritores. O corpus documental deste estudo também foi composto por artigos de jornal da Hemeroteca Antonio Mello Júnior de Taubaté e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Na perspectiva metodológica é fundamental confrontar documentos, nesse caso confrontaram-se, as cartas com os artigos de jornal e com as produções dos dois escritores. Além disso, não é possível tratar de qualquer documento sem considerar o seu contexto. Neste estudo as cartas foram tomadas, como propõe Malatian (2012), simultaneamente como objeto de análise e como fonte documental, para que fosse possível compreender a percepção de Lobato sobre as relações entre Literatura e contexto social e entre as dimensões macro e micro da política nacional da década de 1940, no Governo de Getúlio Vargas, no contexto da cidade de Taubaté.

Sobre a abordagem de cartas como objeto de pesquisa, Malatian (2012, p. 204) afirma que:

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais

Assim, para analisar as cartas escritas por Lobato para Cesídio Ambrogi, considera-se que as cartas, reconhecidas como testemunhos involuntários, possibilitam perceber de modo mais claro os posicionamentos e os pensamentos dos interlocutores, pois são documentos privados que originalmente não foram produzidos com a intencionalidade de serem publicizados; portanto, há neles maior liberdade de expressão. Metodologicamente, o conjunto das cartas enviadas por Monteiro Lobato ao amigo Cesídio Ambrogi foram analisadas de acordo com os pressupostos da análise considerando-as “escritas de si”, ou autobiográficas. Teresa Malatian (2012, p. 196) afirma que:

Os escritos autobiográficos abrem um grande campo de possibilidades para o historiador. Resultam de atividades solitárias de introspecção, ainda que sua autoria possa ser partilhada por secretários, assessores ou familiares. Trata-se de escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma postura reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta.

As cartas são consideradas escritos autobiográficos e, com a ampliação da noção de documento promovida pelo movimento historiográfico da *École des Annales*, em meados da década de 1920, passaram a ser consideradas também como documentos, pelos historiadores. Foram caracterizadas por Marc Bloch (2001) como “testemunhos involuntários”, ou seja, os vestígios do passado, as fontes documentais que não foram produzidas com essa intencionalidade mas que podem ser utilizadas pelos historiadores como fonte de informações.

Cesídio Ambrogi era um dos três grandes amigos de Lobato em Taubaté. Pode-se dizer que “Cesídio preservou o lado taubateano da alma de Lobato”. (Almanaque Urupês, <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/eramos-seis-lobato-e-cesidio/>)

Foi um dos amigos de Monteiro Lobato responsáveis pela criação da Semana Monteiro Lobato, em 1953, como uma forma de homenagear o escritor em sua terra. Segundo Antônio Carlos de Argôllo Andrade (2022), essa ideia teria partido dos “três jacarés”, que era como Lobato se referia aos amigos Urbano Alves de Sousa Pereira, Gentil Eugênio de Camargo Leite e Cesídio Ambrogi. “Eram chamados jacarés porque, ao contrário de Monteiro Lobato, que ainda na adolescência mudou-se para São Paulo, tendo posteriormente estabelecido residência em diversas outras localidades, inclusive no exterior, os três amigos recusavam-se a deixar as margens do Rio Paraíba, isto é, não saíam de Taubaté” (ANDRADE, 2022, p. 81). Em várias das cartas Lobato esse termo, por exemplo, na de 22/10/1943: “Adeus caro Ambrogi. Vocês são os mais perfeitos jacarés que encontrei na vida”.

O tom é meramente formal (e até frustrante para o leitor) e solene, mas de difícil compreensão. Lobato dificulta o trabalho dos paleógrafos. A transcrição é parcial, pois há uma e outra palavras ilegíveis. Todavia, é um ponto de partida. É, na relação epistolar de um então editor com um cliente, o marco zero de uma amizade sincera.

Em 1918, numa troca de impressões sobre Urupês. Na relação epistolar de um então editor com um cliente, tem-se o início de uma amizade sincera. Alguns anos depois, em 1923, foi publicada pela editora de Monteiro Lobato a obra “As Moreninhas”, de Cesídio Ambrogi. Tal fato indica que é possível que, a despeito de serem contemporâneos e morarem na mesma cidade – Taubaté – mesmo considerando que Lobato saiu da cidade ainda adolescente, provavelmente eles só tenham se conhecido pelo fato de Lobato estar à frente de uma editora e o então jovem escritor Cesídio Ambrogi intencional a publicação de sua obra.

Assim, há evidências de que Lobato e Cesídio começaram a “amizade” em 1918. Pelo conjunto das cartas, constata-se que voltaram a se falar mais intensamente no período em que Edgard, filho de Lobato, tratava-se de tuberculose na chácara que Lobato tinha em Tremembé-SP, cidade muito próxima a Taubaté. Edgard faleceu em 13 de fevereiro de 1943.

A maior quantidade de cartas escritas por Lobato a Cesídio Ambrogi concentra-se na década de 1940. Dada a proximidade física, pois Lobato, para cuidar do filho, residia periodicamente em Tremembé. Pode-se afirmar que, nesse momento, as lembranças de Lobato sobre a terra natal afloram e fornecem uma leitura singular da sociedade taubateana, com foco particular nas questões da política local.

Até o fim de sua vida, Cesídio Ambrogi foi um dos principais correspondentes de Lobato, com quem trocava experiências, colaborações em livros, revisões de textos e opiniões sobre diversos assuntos.

No que se refere à relação com a cultura regional, é possível afirmar que as cartas escritas por Lobato a Cesídio Ambrogi compõem um conjunto que pode ser considerado uma “herança”. Para além do valor documental, o contexto político brasileiro da década de 1940, temática central das cartas, as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais. Isso porque, naquele momento, está na em Taubaté devido a questões pessoais e, como a análise permitiu constatar, reflete sobre questões latentes da sua relação com a cidade, uma temática que ainda carece ser analisada com profundidade, considerando-se a complexidade da política local.

MESTRE CESÍDIO

Cesídio Ambrogi, assim como Monteiro Lobato, teve muitas ocupações ao longo da vida. De acordo com Umberto Passarelli (1996), frequentou o Curso de Engenharia na Régia Universidade de Pisa, na Itália, e chegou a se dedicar à atividade de construtor, quando voltou ao Brasil, em 1914. Além disso, foi “[...] jornalista militante, colaborou, por mais de meio século, em periódicos da cidade [de Taubaté] e da região” (PASSARELLI, 1996, p. 166). Como jornalista em Taubaté, Antonio Mello Junior informa que Ambrogi atuou na direção do jornal *O Taubateano*, do *O Momento*, caracterizado como a segunda fase de *O Taubateano*, e do *Jornal de Taubaté*. Escreveu para *O Libertário*, no qual também trabalhou na secretaria, para *A Tribuna* e para o *Correio Paulistano*. Também foi redator da *Revista Cine Palas*.

Ao longo de sua existência, foi redator de vários periódicos. Colaborou com jornais e revistas de todo o país e “[...] tomou parte ativa na vida literária e artística da cidade” (PASSARELLI, 1996, p. 166). Foi professor de literatura, jornalista, redator, trovador, contista. No entanto, apesar da diversidade de atividades que exerceu, ficou mais conhecido por sua atuação como professor e como poeta, sendo reconhecido como “mestre”. Foi um dos fundadores da “Sociedade Taubateana de Ensino”, em 1939. Em 1927, foi nomeado inspetor federal da Escola de Comércio “Washington Luís”, de Taubaté. Em 1932, foi nomeado como primeiro professor de português do então recém-criado Ginásio Estadual e Escola Normal, mais tarde Colégio Estadual e Escola Normal Monteiro Lobato. Aposentou-se como professor secundário em 1963. Como trovador, foi consagrado pelos seus pares como presidente perpétuo da “União Brasileira de Trovadores” – seção Taubaté.

Cesídio Ambrogi nasceu em Natividade da Serra, no dia 22 de maio de 1894. Mudou-se para Taubaté com a família em 1904 e, de acordo com Passarelli (1996) passou a residir na cidade e dela se ausentou somente em alguns períodos de estudos.

Casou, em 1938, com a poetisa Lygia Therezinha Fumagalli Ambrogi, com quem teve cinco filhos. Faleceu em 1974.

O artigo publicado no jornal *A Tribuna*, em 28/06/1974, noticiou seu falecimento, indicando a expressão como Cesídio Ambrogi ficou conhecido na cidade de Taubaté, “Mestre Cesídio”, consolidada pelo título do

1 Há controvérsias sobre essa data. Em seu livro, Jeronymo de Souza indica o ano de 1933, e deve-se considerar que um dos informantes para a obra foi o próprio Cesídio Ambrogi.

livro homônimo escrito por Jeronymo Souza e lançado em 1963. A notícia menciona sua amizade com Monteiro Lobato.

Seus parentes, amigos e ex-alunos e admiradores prestaram a última homenagem ao autor do livro “As Moreninhas”, livro que marcou presença na literatura brasileira no princípio do século. [...] aposentou-se como professor da língua portuguesa no Instituto de Educação “Monteiro Lobato”, o ex-Ginásio do Estado que ele ajudou a fundar. Sua vida era profundamente ligada ao ensino: lecionou em vários estabelecimentos escolares de Taubaté e sempre esteve a frente dos empreendimentos educacionais. [...] O professor José Jeronimo de Souza Filho escreveu um livro subordinado ao título “Mestre Cesídio” que retratou o velho professor de maneira singular. Cesídio Ambrogi morreu aos 81 anos de idade e deixou viúva a advogada Lygia Fumagalli Ambrogi e os seguintes filhos: Cesídio Ambrogi Filho, Walfrido Fumagalli Ambrogi, Elisa Mariana Cembraneli Anabela Ambrogi Dotti, Lygia Mara Prado, Tereza Maria Marcondes e Bernardo Ambrogi Neto. “Mestre Cesídio” foi uma personalidade marcante em Taubaté. Foi amigo pessoal de Monteiro Lobato e sempre trocavam cartas quando o escritor taubateano ainda vivia. Foi chamado por Lobato de “um dos três jacarés de Taubaté”. Mestre Cesídio considerado “Cidadão Taubateano” morreu. Mas seu nome e sua obra ficam para as futuras gerações (A *Tribuna* 28/6/1974).

O modo como ou quando Cesídio Ambrogi e Monteiro Lobato se conheceram não são dados ainda não determinados por evidências documentais. O primeiro registro do contato entre eles foi a publicação, em 1923, pela Editora Monteiro Lobato & Cia, do primeiro livro de Cesídio Ambrogi, “As Moreninhas”. Além deste, publicou, em 1947, o livro “Poemas vermelhos”, que foi prefaciado por Monteiro Lobato, o que indica a dimensão e a longevidade da relação entre eles. Cesídio Ambrogi publicou também “Sonetinhos em Sara-banda” (prefaciado por Renato Teixeira) e “Janíadas”.

Deve ser considerado o fato de que, dentre os intelectuais taubateanos, Cesídio Ambrogi foi o único que teve alguma obra de sua autoria publicada por Lobato, o que o diferenciava na esfera de amizades taubateanas de Monteiro Lobato.

Antonio Mello Júnior (1983), na obra “Imprensa taubateana”, ao mencionar o jornal *A Voz do Vale*, afirma que seu diretor, Waldemar Duarte, levou para as colunas do jornal “expoentes da intelectualidade taubateana”, dentre os quais Cesídio Ambrogi. Cesídio trabalhou também no *Correio Paulistano*, como jornalista residente em Taubaté, na década de 1940.

Além de Monteiro Lobato, Cesídio Ambrogi relacionou-se com outros renomados escritores brasileiros. Monteiro Lobato, por sua vez, manteve correspondência com muitos amigos. Alberto Conte, em “Monteiro Lobato: o homem e a obra”, assim define o escritor: “[...] é simpaticíssimo. Não há quem não sinta, logo ao conhecê-lo, um forte desejo de tornar-se seu amigo, de conservá-lo com assiduidade e fazer-se um íntimo” (AZEVEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 15)

A LITERATURA E A POLÍTICA LOCAL COLOCADAS EM PERSPECTIVA

Ao refletir sobre as impressões compartilhadas por intelectuais em cartas, Malatian (2012, p. 197) assevera que:

Nelas um jogo sutil se estabelece entre o público e o privado, o íntimo e o ostensivo. Longe de serem espontâneas, as cartas ocultam e revelam seus autores conforme regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada.

Nas cartas que endereça a Cesídio Ambrogi Lobato aborda questões brasileiras, questões argentinas, literárias, políticas, entre outros assuntos que também aparecem em cartas direcionadas a seus outros correspondentes. No âmbito político, escreve sobre a ascensão de Vargas e a queda de Eurico Gaspar Dutra, eleito

presidente do Brasil em 1945, chamado por ele como “estado novíssimo”, referindo-se assim à percepção de que, do seu ponto de vista, as coisas não mudariam muito em relação ao Estado Novo, do governo de Getúlio Vargas, no período de democratização pretensamente promovida por Dutra.

Imerso no contexto político brasileiro, Lobato manifesta e compartilha suas impressões em sua correspondência. Tanto ele quanto Cesídio não são meros espectadores; participam ativamente da política nacional e local e se expõem seus posicionamentos.

Como “militante do progresso”, como definem Azevedo, Camargos e Sacchetta (1997), Monteiro Lobato foi preso duas vezes pelo governo de Getúlio Vargas, em 1941, devido ao seu posicionamento sobre o petróleo - “[...] sofre mais uma vez as consequências por dizer exatamente o que pensava” (AVEZEDO, CAMARGOS, SACCHETTA, 1997, p. 305), nesse caso, ao fazer duras críticas à política brasileira de minérios.

O contexto político brasileiro da década de 1940 é tratado nas cartas e mobiliza as atenções dos interlocutores que estão, nesse período, envolvidos com questões políticas nacionais e locais.

Ao considerar o contexto pessoal, na década de 1940, Lobato já é um escritor consagrado, um homem que passou por muitos reveses profissionais e um pai marcado pela morte precoce de dois de seus quatro filhos, Guilherme e Edgard.

Em 1943, cede finalmente às sugestões de Godofredo Rangel para que publicasse a correspondência trocada entre eles - “[...] a publicação reveste-se de um caráter memorialístico, de rememoração do percurso de sua vida, da construção de uma obra, o que se reafirma no subtítulo dado ao epistolário: ‘quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel’” (TIN, 2014, p. 304). Nesse momento, como afirma Emerson Tin (2014, p. 304-305), “É o Lobato envelhecido, próximo da morte, que, como ‘o velho de Gleyre’ com suas ilusões perdidas, lança o olhar ao ‘Lobatinho daquele tempo tão suficiente e pernóstico”

Lobato perde o filho em fevereiro de 1943 e, em setembro do mesmo ano, decide publicar a correspondência trocada com Godofredo Rangel, como afirma Emerson Tin (2014), ao escrever sobre “A barca de Gleyre”. Para o ano de 1943 convergem muitos acontecimentos, na vida de Lobato. Coincidentemente, em 1943 é lançada a obra “Éramos seis”, de Maria José Dupré. A obra recebeu atenção do escritor pelo menos em menos quatro cartas, em 1943 e 1944, escritas para Cesídio Ambrogi. Nessas cartas, Lobato aborda a dimensão da produção literária em geral e, em particular, no que se refere à revisão que fez de sua obra após a leitura de “Éramos Seis”. Em carta sem data (de um lote de cartas de 8 de janeiro de 1943 a 18 de outubro de 1943) Lobato desenvolve essa reflexão e afirma:

Estou preparando o meu livro Fábulas para nova edição, e sabe que consiste o preparo? Em tirar todas as “coisas lindas” que inconscientemente lá botei, isso é, a “literatura”. Estou raspando a literatura que há nessas fábulas. E como é doloroso! O mesmo que uma raspagem de osso! A gente faz aquilo com tanto amor, achou tão bonito, gostou tanto – e ainda acha tão bonito... E tem de botar fora, tem de raspar. por que? Por causa da tal senhora Leandro Dupré. Esquisito, não? passei a vida a lidar com a literatura, li todos os mestres – e afinal fui aprender com uma senhora que nem tem nome – assina o do marido.

Ainda em 1943, ocorreu o lançamento de “Urupês, outros contos e coisas”. Houve também o lançamento da edição comemorativa do jubileu de “Urupês”, lançado originalmente em 1918. O volume de 1943 foi ilustrado por Paim. Um ano após ser lançado, em 1919, “Urupês” ganhou projeção por ser citado pelo então proeminente político brasileiro Rui Barbosa, em uma conferência sobre a “Questão social e política no Brasil”, proferida em 20 de março. As comemorações do jubileu da obra também marcam o que se pode chamar de retomada das conversas de Lobato com os intelectuais taubateanos e com a própria sociedade taubateana, pois, em 1919, Lobato foi recebido em Taubaté como herói, por causa da projeção que a obra alcançou e por

ter sido citado por Rui Barbosa. Jeronymo Souza (1963) afirma que foi a “Revista do Brasil”, fundada em 1916 e de propriedade de Lobato a partir de 1918, e que “[...] tornara-se o mais lido, o mais importante veículo cultural do país”, e “Urupês” que “[...] proporcionariam aos intelectuais taubateanos a redescoberta de Monteiro Lobato como escritor. Foi assim que o grupo literário entrou em contato com ele” (SOUZA, 1963, p. 34).

De acordo com Lygia Ambrogi, esposa de Cesídio, nessa época, “[...] quando o filho dele [de Monteiro Lobato] morreu, tuberculoso, em Tremembé, e os inimigos daquela época já estavam mortos, ele voltou, começou a vir em Taubaté”, relata dona Lygia, emendando que ele ia muitas vezes à sua casa para encontrar Cesídio” (Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/correspondencias-de-lobato-e-cesidio/>)

Nesse retorno a Taubaté, Lobato encontra companheiros mentais que não teve no período anterior, quando esteve em Taubaté no início do século. Na década de 1940, Cesídio Ambrogi tem como projeto criar o que chamou de Biblioteca Sítio, e publica sua intenção nos jornais. Lobato toma conhecimento dessa intenção e apresenta sugestões; no entanto, a despeito do otimismo do amigo, não acredita que a política local apoiaria essa iniciativa, pois, em 1922, após o sucesso de “Urupês”, é duramente criticado em discurso proferido por Luiz da Câmara Leal, na Câmara Municipal de Taubaté:

A tendência literária dos “néos” é para o descrédito dos lugares donde partiram. “Urupês, “Idéias de Jeca”, “Cidades mortas”, do nosso conterrâneo [...] trazem atestado mudo de uma grandeza morta, afastam as forças da evolução, matam desejos de cérebros que idealizam. Os arroubos de elouquência levam muitas vezes à crítica acerba um povo – que pode ser grande (ATAS DO CONSELHO DA INTENDÊNCIA ATAS DA CÂMARA TAUBATÉ, 2002, p. 412)

Cidades mortas, publicado em 1919, parece ter sido o estopim da reação contrária ao escritor manifestada nesse discurso proferido em 1922.

Como jornalista, Cesídio Ambrogi teve a oportunidade de manifestar seus pensamentos nos artigos que escrevia, como neste publicado no jornal *A Voz do Vale*, em que, inclusive, mencionou a amizade com Lobato e a forma como o amigo o levou a refletir sobre a cidade:

Lobato, meu amigo, sempre teve razão. Cada dia mais me capacito de suas verdades tremendas. Este Vale, por exemplo, de tradições soberbas e sedicemente decantadas, ainda continua a ser aquele mesmo vale das cidades-mortas. Trombeteia-se o seu ressurgimento. Exalta-se a sua indústria. Louva-se a sua pecuária. Glorifica-se a sua lavoura. Bobagem. Tudo bobagem. Onde o seu ressurgimento? A sua indústria ainda é a mesma de sempre, fictícia, deficiente e desmantelada, produzindo mal e caro. E quanto a sua lavoura, praticamente ela nem existe mais. [...] Todo o Vale hoje não passa de uma grande fábrica de carvão dentro de pastagem imensa. E Lobato já dizia: “Carvão e boi, símbolos da miséria... (A Voz do Vale, 28/07/1948)

A confluência entre literatura e política aparece explicitada na carta sem data (de um lote de cartas entre 8 de janeiro de 1943 e 18 de outubro de 1943), na qual Lobato pondera:

E agora lendo analiticamente o teu capítulo do romance Taubaté vi que você também está caminhando – você também, como eu, como todos, está sobrepondo a literatura à vida. Não senti Taubaté em teu capítulo, porque entre o Taubaté coitadinho que eu conheço a fundo está interposta uma cama de literatura – e fiquei a imaginar o que seria o teu romance se o processo usado fosse o do Éramos Seis: pintura direta da vida, num estilo que seja caldo da vida, expremidura da vida.

Nessa carta, ao mencionar um romance que Cesídio Ambrogi estaria escrevendo sobre a cidade de Taubaté, Lobato aproxima a literatura da vida, sugerindo ao amigo que, para se fazer literatura, é preciso olhar para a realidade sem preocupar-se com técnicas ou estilos, e sim com a própria vida que se pretende narrar.

As manifestações e os fluxos e refluxos que Monteiro Lobato tem em relação à cidade articula-se com o cenário político local. Como neto do Visconde de Tremembé, figura eminente do Império, o escritor vê-se naturalmente inserido no debate político, e essa inserção se intensifica de acordo com seus posicionamentos políticos, principalmente nas décadas de 1930 e 40, quando ele se posiciona frontalmente, em âmbito nacional, contra as políticas implementadas pelo Presidente Getúlio Vargas.

Em Taubaté, Lobato desenvolve o que pode ser definido como uma identificação histórica com a família Oliveira Costa, com a qual também tem relação de aproximação e afastamento, num movimento de fluxos e refluxos. Lobato escreve, em 1946, na revisão da obra *Ideias do Jeca*, um texto no qual afirma que Taubaté poderia ser uma Manchester brasileira.

CONCLUSÕES

As correspondências entre intelectuais representam a possibilidade de compartilhar percepções de mundo. No caso das cartas escritas por Monteiro Lobato e endereçadas ao amigo Cesídio Ambrogi percebem-se o desalento e o desânimo de uma alma cansada no fim da vida. Muito já se disse sobre Monteiro Lobato, muito já se estudou sobre sua vasta produção e sobre seus intensos debates e posicionamentos políticos; no entanto, há ainda uma lacuna a ser sanada, qual seja, o olhar mais apurado e atento para as relações entre ele e a cidade de Taubaté. Para além das leituras precipitadas, superficiais e enviesadas, há que se deter sobre os documentos com o olhar que Marc Bloch (2001) chamou de questionador.

A relação de Monteiro Lobato com Taubaté, que se manifesta em seus escritos ainda precisa ser melhor estudada, e, sem dúvida, as cartas que ele escreveu ao amigo Cesídio Ambrogi, de quem se aproximou mais em seus últimos anos de vida, a partir de uma circunstância pessoal, oferecem elementos que permitem aprofundar essa análise que engloba a intrincada e complexa cena política da cidade.

REFERÊNCIAS

- Andrade, Antônio Carlos de Argôllo. (2022). Recordando Monteiro Lobato. Taubaté-SP: edição do autor.
- Atas do Conselho da Intendência Atas da Câmara Taubaté. Ortiz, José Bernardo (org.) (2002). Taubaté-SP: prefeitura Municipal de Taubaté.
- Azevedo, Carmen Lucia de; Camargos, Marcia e Sacchetta, Vladimir. (1997). Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia. São Paulo, Editora Senac.
- Barbosa, Rui. (1956), *Obras Completas, XLVI, MEC*.
- Bloch, Marc. (2001) Apologia da História, ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cartas de Lobato e Cesídio. Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/correspondencias-de-lobato-e-cesidio/> Acessado em: 23/04/2022.
- Cavalheiro, Edgard. (1959) Prefácio in: Lobato, M. Cartas escolhidas. São Paulo: Brasiliense.
- Éramos seis, e Lobato, Rangel e Cesídio. Almanaque Urupês. Disponível em: <https://almanaqueurupes.com.br/index.php/eramos-seis-lobato-e-cesidio/> Acessado em: 23/04/2022.
- Malatian, Teresa. (2012) Cartas: narrador, registro e arquivo. In: Pinsky, Carla B. e Luca, Tânia Regina de (orgs.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto.
- Mello Junior. Antonio. (1983) Imprensa taubateana: contribuição à sua história (1861-1981). Taubaté-SP: Egetal.

Passarelli, Umberto (1996). Contribuição à História: denominação de ruas e logradouros públicos de Taubaté. Taubaté-SP, JAC Gráfica e Editora.

Passiani, Enio. Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil. Bauru: EDUSC/ANPOCS, 2003.

Souza, Jeronymo. (1963) Mestre Cesídio. Taubaté-SP: Edições Taubaté.

Sevcenko, Nicolau. (1999) Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense.

Tin, Emerson (2014). A barca de Gleyre: uma raríssima “curiosidade”. Lajolo, Marisa (org.) Monteiro Lobato, livro a livro. São Paulo: Editora Unesp.

Obras de Monteiro Lobato:

Lobato, Monteiro. (1972) A Barca de Gleyre. São Paulo: Brasiliense.

_____, (1972) Cartas Escolhidas. São Paulo: Brasiliense.

_____, (1964) Prefácios e Entrevistas. São Paulo: Brasiliense.